



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
CAMPUS IV – CHAPADINHA - MA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



JUCILENE SOARES CARDOZO

PERSPECTIVA EMPÍRICA SOBRE O COMPORTAMENTO CANINO

Chapadinha/MA

Janeiro/2018

JUCILENE SOARES CARDOZO

PERSPECTIVA EMPÍRICA SOBRE O COMPORTAMENTO CANINO

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador: Dr. Ricardo Rodrigues dos Santos

Chapadinha/MA

Janeiro/2018

Soares Cardozo, Jucilene.

Perspectiva Empírica Sobre O Comportamento Canino /
Jucilene Soares Cardozo. - 2018.

41 f.

Orientador (a): Ricardo Rodrigues dos Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do
Maranhão-UFMA, 2018.

1. *Canis familiaris*. 2. Relação homem-animal. 3.
Sentimentos e emoções. I. Rodrigues dos Santos, Ricardo.
II. Título.

A Deus, por ter me dado força e coragem em chegar até aqui.

Ao meu orientador Ricardo Rodrigues dos Santos, por todas as orientações que tornaram possível a conclusão dessa monografia.

A minha amada família, em especial aos meus pais Deusalina Soares Cardozo e Raimundo Alves Cardozo, pelo apoio e incentivo durante essa minha longa jornada acadêmica.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para superar minhas dificuldades e por permitir a conclusão de mais essa etapa acadêmica.

Ao meu orientador Ricardo Rodrigues dos Santos, pelo suporte, apoio e incentivos durante o desenvolvimento deste trabalho.

A minha família, em especial, aos meus pais Deusalina Soares Cardozo e Raimundo Alves Cardozo, pelo apoio e incentivos durante toda a minha trajetória acadêmica.

A todas as pessoas que se propuseram a participar das entrevistas, suas participações foram fundamentais para a conclusão desta monografia.

Aos meus parentes e amigos Thalia Cardozo, Rogério Santos, Diego Silva, Jordania Meneses, Marcelina Xavier, Sávio dos Anjos, José de Lima, Laiane Alves, Lucélia Alves, Luciana Alves e outros que me apresentaram algumas pessoas para fazerem parte das entrevistas.

As mestrandas que me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho, Daiana Paulino e Apoliana Araújo. E também a minha colega Núbia Costa pela sua companhia e ajuda no laboratório durante a realização desse trabalho.

A todos que direto ou indiretamente estiveram envolvidas e contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Obrigada a todos!

EPÍGRAFE

“É justo que muito custe o que muito vale.”

(Santa Teresa de Jesus)

RESUMO

Os cães (*Canis familiares*, Linnaeus, 1758), são os animais domésticos mais comuns, vivendo em intensa harmonia com os humanos. Entretanto, pouco se sabe como os comportamentos destes animais são interpretados pelas pessoas. O objetivo deste estudo foi verificar se o nível de conhecimento empírico sobre o comportamento canino está associado à forma de criação do cão, ao tempo de convívio, à classe social ou ao grau de instrução de proprietários de cães. O diagnóstico foi realizado através de entrevistas semiestruturadas com 60 pessoas, utilizando-se imagens de cães expressando onze comportamentos: agressividade (rosnar e latir), alegria (solicitação para brincar, balançar o rabo e rolar no chão), alerta, reconhecimento, tristeza, submissão cansado e carinho. O comportamento de rolar ao chão foi o menos compreendido e rosnar foi o mais reconhecido pelos entrevistados. Os resultados demonstraram que o nível de conhecimento dos entrevistados sobre o comportamento canino demonstrou-se elevado, mas dependente do tempo de convívio com o cão.

Palavras-chave: *Canis familiaris*; relação homem – animal, sentimentos e emoções.

ABSTRACT

The dogs (*Canis familiares*, Linnaeus, 1758), are the most common domestic animals, living in intense harmony with humans. However, little is known how the behaviors of these animals are interpreted by the people. The objective of this study was to verify if the level of empirical knowledge about canine behavior is associated to the dog's creation, time living together, social class or the degree of instruction of the dog owners. The diagnosis was performed through semi-structured interviews with 60 people, using images of dogs expressing eleven behaviors: aggression (growl and bark), joy (request to play, wagging tail and roll on the floor), alertness, recognition, sadness, fear or submission, tired and loving or caring. The behavior of rolling to the floor was the least understood and the growl was the most recognized by the interviewees. The results showed that the interviewees' level of knowledge about canine behavior was high but dependent on dog contact time. The results showed that the interviewees' level of knowledge about canine behavior was high but dependent on the interaction time with the dog.

Key words: *Canis familiaris*; man-animal relationship; feelings and emotions.

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1. Classe sexo-etária dos entrevistados de acordo com o tipo de criação à que se destina os cães.....	18
Tabela 2. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com a finalidade à qual se destina a criação dos animais. Os valores são dados em porcentagem.....	19
Tabela 3. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com o grau de instrução. Os valores são dados em porcentagem.....	21
Tabela 4. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com a classe social. Os valores são dados em porcentagem.....	22
Tabela 5. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com tempo de convívio do dono com seu animal. Os valores são dados em porcentagem e o tempo em anos.....	23

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. Nível de conhecimento dos entrevistados com relação ao propósito de criação do cão (n = 60).....	19
Figura 2. Frequência dos entrevistados de acordo com a classe social e o nível de instrução (n = 60).....	20
Figura 3. Frequencia dos entrevistados com relação ao tempo de convívio com seu animal (n = 60).....	22
Figura 04. Nível de conhecimentos dos entrevistados sobre o comportamento canino.....	24

SUMÁRIO

	Pág.
1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	16
2.1- Caracterização dos entrevistados.....	16
2.2- Comportamentos caninos.....	17
2.3- Análise dos dados.....	17
3 RESULTADOS	18
4 DISCUSSÃO	24
5 CONCLUSÃO	28
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
7 ANEXOS	33

1 INTRODUÇÃO

Os canídeos são mamíferos da ordem dos carnívoros caracterizados por apresentarem dentes caninos pontiagudos e esqueleto dimensionado para a locomoção digitígrada (GANÇO, 2009). De acordo com achados arqueológicos do Mesolítico em diversos locais do mundo, o cão (*Cannis familiaris* L.) foi o primeiro animal a ser domesticado para companhia (SAVOLAINEN, et al., 2002; MAEJIMA et al., 2007).

Com relação à sua origem, estudos genéticos estimam que o cão doméstico tenha sido originado entre 15.000 e 10.0000 anos atrás (SAVOLAINEN et al., 2002). Entretanto, os estudos de arqueologia mostram que os esqueletos de cães mais antigos datam de aproximadamente trinta mil anos após o surgimento do homem (ROYAL CANIN, 2001).

Evidencia-se que os possíveis ancestrais dos cães sejam o lobo (*Canis lupus*), o chacal (*Canis aureus*) e o coiote (*Canis latrans*). Entretanto, diversas teorias baseadas em analogias osteológicas e dentárias confrontaram-se durante muito tempo no sentido de atribuir apenas a uma destas espécies, a *Canis lupus*, a qualidade de ancestral do cão (ROYAL CANIN, 2001). Neste contexto, Savolainen et al. (2002), sugerem que a explicação para a grande variação morfológica entre as raças de cães estaria na origem a partir de diversas populações de lobos.

Os cães são os animais domésticos mais comuns e amplamente distribuídos, vivendo em intensa harmonia com os seres humanos. Estes animais acompanham o homem desde o início da sua domesticação (SAVOLAINEN et al. 2002). A idéia de estudar as relações sociais entre os humanos e outros animais era, até pouco tempo atrás, rejeitada e considerada uma heresia, visto que os animais eram vistos como importantes apenas para o benefício econômico da sociedade (FARACO, 2008). A partir de meados do século XVII, mais precisamente entre os anos de 1500 e 1800, mediante as mudanças na forma pelo qual

os seres humanos percebiam e classificavam o mundo ao seu redor, foi que os naturalistas começaram a se sensibilizar em relação aos animais e aos cenários naturais associados (THOMAS, 2001).

Segundo Carvalho & Waizbort (2008), desde os primórdios, homens e cães compartilham uma incrível e duradoura relação de parceria e atividade exploratória. Sendo o cão a primeira espécie de animal a ser submetida ao processo de domesticação pelos seres humanos, no decorrer dessa longa história biológica e cultural compartilhada, as ações seletivas do homem alteraram os rumos da evolução desses animais, pois por meio da seleção artificial, os cães diversificaram-se em variadas raças, portes, comportamentos, aptidões e tendências.

Com o surgimento das cidades, da urbanização e do saneamento básico, o convívio com os animais no meio urbano tornou-se cada vez mais complicado, e aos poucos, os animais domésticos tiveram que ceder espaço para os ditos animais de estimação que se distinguiram das demais categorias de animais por basicamente três motivos: i) permissão e livre acesso as residências; ii) atribuição de um nome pessoal e individual e; iii) não servir como alimento. Entretanto, a função mais importante destes animais era servir de companhia para seus donos (THOMAS, 2001).

Desta forma, nos dias atuais, os cães servem aos homens não apenas como colaboradores de caçadas, como era de início, pois uma diversidade de funções foi atribuída à estes animais, tais como, pastores de rebanhos, animais de tração, rastreadores de drogas e de fugitivos da lei. Um grande número também foram selecionados para cumprirem o papel de cães de companhia, dentre tantas outras funções desempenhadas de acordo com as características genéticas herdadas e o treinamento recebido (CARVALHO & WAIZBORT, 2008).

Com relação ao comportamento dos cães domésticos, as mais recentes teorias da domesticação do cão enfatizam que o comportamento do ancestral canino sofreu modificações como resposta ao novo nicho em que se instalou, tornando-se reduzidas a necessidade de hierarquias sociais (CASE, 2008). De acordo com Rossi (2010), muitos dos comportamentos dos cães são herdados e compartilhados com seus ancestrais, e só podem ser entendidos mediante análise da sua história evolutiva. Alguns destes comportamentos deixaram de fazer sentido com um tempo, porém, outros adquiriram funções diferentes, como por exemplo: a capacidade de seguir um rastro para capturar uma presa é hoje aproveitada para busca e salvamento.

Os processos de domesticação também alteraram algumas características comportamentais e estruturais do cão, melhorando a sua flexibilidade e capacidade de adaptação a ambientes controlados pelo homem. Contudo, também levaram à perda de algumas aptidões em algumas raças, como a caça, a defesa de território, o sucesso reprodutivo e a sobrevivência das ninhadas (BOITANI & CIUCCI, 1995).

Todavia, embora haja um conhecimento sobre os mais variados comportamentos dos cães, pouco se sabe sobre a forma com que as pessoas percebem estes comportamentos e como elas os interpretam. A etologia é a ciência que estuda o comportamento animal. Porém, ela procura explicações causais para o comportamento dos animais, e não emocionais, recorrendo quase sempre aos instintos como justificativa (SNOWDON, 1999).

Masson & McCarthy (1997) relatam que as forças que impedem de admitir a possibilidade de emoções nas vidas dos animais são tão persistentes que estas parecem infames, quase um tabu. Os autores afirmam que os animais podem ter experiências emocionais que seriam difíceis expressar ou traduzir em palavras, mesmo se tivessem capacidade de usá-las. Entretanto, a visão tradicional diz ser mais recomendável estudar o

comportamento do que tentar chegar às emoções subjacentes. Afinal, emoções são difíceis de serem catalogadas ou simplesmente descritas por palavras e, quando a descrevemos, estamos racionalizando um sentimento, algo por si só subjetivo.

Nos cães, a comunicação ocorre quando as suas ações provocam mudanças no comportamento de outro cão ou de outro animal (YEON, 2007). Em consequência da domesticação desses animais por humanos, estes animais apresentam uma forma de comunicação direcionada, que pode ser através de gestos e posturas corporais ou por vocalizações. A comunicação facial desempenha um papel importante na cognição social de humanos e não humanos (GUO et al., 2009). Além disso, Fedderson-Petersen (2005), afirma que cães se baseiam em dicas visuais para comunicação social intraespecífica e exibem várias expressões faciais, como por exemplo: agressividade e medo, o que é muito importante para a comunicação entre coespecíficos. Artelle et al. (2011) relatam que a cauda é um instrumento importante na comunicação intraespecífica em todos os canídeos, provendo informações visuais aos coespecíficos que podem levar a diferentes comportamentos sociais. Segundo Nagasawa et al. (2011), cães domésticos são animais muito sociais e, assim como os lobos apresentam muitos métodos de comunicação visual incluindo posturas e expressões faciais que podem indicar *status*, agressão e outras emoções.

Contudo, a literatura acadêmica sobre os animais contém muitas observações, histórias e anedotas que sugerem as emoções que os animais possam estar experimentando ou expressando, ou pelo menos sugerem a necessidade de pesquisas adicionais sobre essa possibilidade (MASSON & MCCARTHY, 1997). Neste contexto, diante do longo tempo de domesticação e convívio de cães com humanos e da capacidade humana de observar e interpretar o comportamento animal, é oportuno compreender o quão a capacidade humana

de conviver com os cães pode auxiliar na compreensão das emoções desses animais. Portanto, este trabalho tem por objetivo verificar se o nível de conhecimento empírico sobre o comportamento canino está associado à forma de criação do cão, ao tempo de convívio, à classe social ou ao grau de instrução de proprietários de cães.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização dos entrevistados

Para verificar a percepção dos proprietários de cães sobre o comportamento canino, a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conforme Alves & Silva (1992), aplicadas à 60 pessoas (Tabela 1). As entrevistas foram aplicadas de forma equitativa para pessoas pertencentes à 3 grupos: criadores de cães de companhia, cães de caça e cães de guarda. O estudo foi realizado na cidade de Chapadinha, Maranhão, Brasil (3°44'17" S; 43°20'29" W) no ano de 2017.

Os entrevistados foram formados por proprietários e ex-proprietários de cachorros com diferentes classes sexo-etárias, níveis de escolaridade, classes sociais e variados tempos de convívio com canídeos. Antes da realização da pesquisa, a confirmação dos participantes foi realizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I).

Para uma caracterização dos entrevistados, o grau de instrução foi constituído por 7 categorias: analfabeto, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo. A classe social foi baseada na renda mensal obtida, de acordo com o número de salários mínimos obtidos: classe "A" acima de 20, "B" de 10 a 20, "C" de 4 a 10, "D" de 2 a 4 e "E" de 0 a 2 salários mínimos (ABEP/CCSEB,1997). O tempo de

convívio com foi de até 10 anos, onde o tempo mínimo de convívio considerado foi de dois anos, conforme Tami & Gallagher (2009).

2.2 Comportamentos caninos

Os comportamentos descritos pelos entrevistados foram enquadrados em 8 categorias comportamentais expressos de 11 formas: agressividade (rosnar e latir), alegria (solicitação para brincar, balançar o rabo e rolar no chão), alerta, reconhecimento, tristeza, medo (ou submissão), amor (ou carinho) e cansado. As entrevistas foram realizadas utilizando-se imagens de cães em diferentes atividades comportamentais, conforme o etograma do Anexo II.

As imagens (Anexo III) foram apresentadas aos entrevistados de forma aleatória, cuja sequência foi determinada através de sorteio. As imagens foram exibidas com o auxílio de um computador portátil utilizando-se diferentes raças de cães. As entrevistas foram registradas com o auxílio de um gravador digital. As respostas foram confrontadas ao etograma do comportamento canino e permitiu determinar a habilidade de cada categoria de observadores em relação ao comportamento dos animais.

2.3 Análise dos dados

Para analisar a habilidade no reconhecimento e interpretação correta do comportamento canino das diferentes categorias entrevistadas, foi utilizado o cálculo da frequência de acertos por entrevistado, conforme a associação da imagem ao comportamento descrito pelo entrevistado. Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, para comparar a habilidade de diferentes categorias de observadores em descrever corretamente o comportamento canino e para verificar se o tempo de convívio, a classe social ou o grau

de instrução de proprietários de cães influencia no nível de conhecimento etológico. As análises foram feitas através do Software InfoStat©.

3 RESULTADOS

De modo geral, o nível de conhecimento dos entrevistados sobre o comportamento canino demonstrou-se elevado (88,8%), independentemente da finalidade à qual se destina o cão para o seu dono. E a distribuição dos proprietários de cães dessa categoria, de acordo com o sexo e a idade, ficou estabelecida conforme a tabela abaixo:

Tabela 1. Classe sexo-etária dos entrevistados de acordo com o tipo de criação à que se destina os cães.

Propósito da criação	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total	Faixa Etária
Cão de caça	19	01	20	18 - 64
Cão de companhia	03	17	20	18 - 55
Cão de guarda	06	14	20	18 - 61
Total	28	32	60	-

De acordo com as 11 categorias comportamentais analisadas, o comportamento de rolar ao chão foi o menos compreendido pelos entrevistados, principalmente por aqueles que utilizam o cão com as finalidades de caça e guarda (Tabela 2). Possivelmente isso explica a maior variação na distribuição dos dados em relação ao nível de conhecimento dos entrevistados, quando comparamos estas duas categorias com a categoria Cão de Companhia (Figura 1). Entretanto, não encontramos diferenças significativas entre as três categorias analisadas ($H = 0,06$; $p = 0,96$).

Tabela 2. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com a finalidade à qual se destina a criação dos animais. Os valores são dados em porcentagem.

Comportamentos	Cão de Caça	Cão de Companhia	Cão de Guarda
	(DP= 3.4)	(DP= 1.6)	(DP= 2.9)
Rosnar	100	100	100
Carinho	85	85	95
Solicitação para brincar	80	85	100
Alerta	85	90	95
Latir	100	100	95
Balançar o rabo	100	100	90
Rolar no chão	45	85	50
Tristeza	75	95	95
Submissão	95	75	82
Cansaço	100	90	80
Reconhecimento	100	90	90

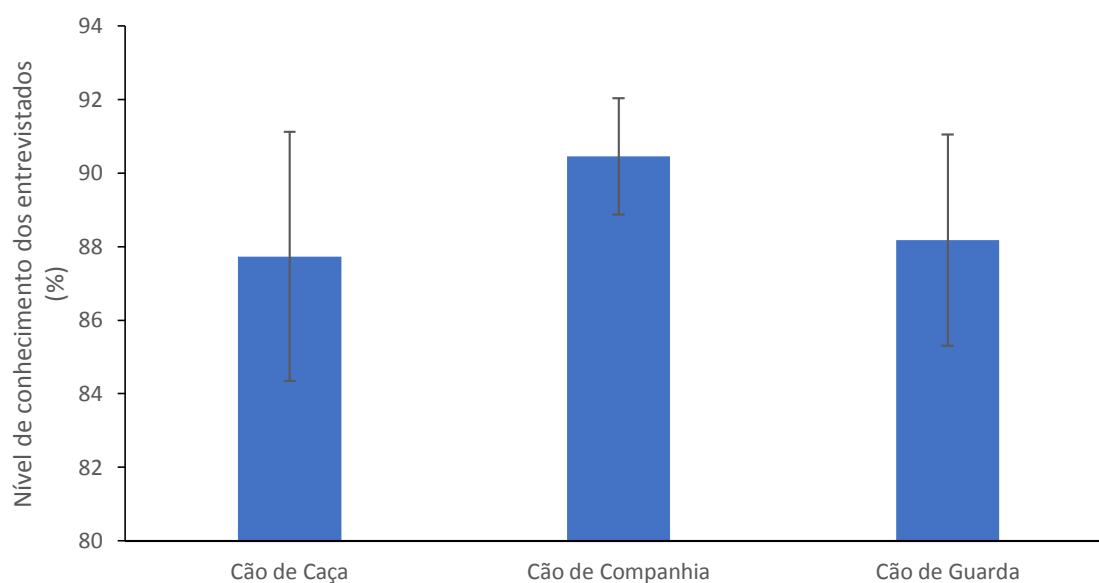


Figura 1. Nível de conhecimento dos entrevistados com relação ao propósito de criação do cão (n = 60).

Os entrevistados foram restritos às classes sociais C, D e E, com predominância da classe D (47%), seguido da classe C, com 38%. A classe D também foi a única presente nos entrevistados que apresentaram pelo menos algum nível de instrução. Os proprietários de cães que apresentaram pelo menos 1 nível de instrução completo ou incompleto representaram aproximadamente 30% dos entrevistados e a ausência de instrução foi em aproximadamente 7% dos entrevistados (Figura 2).

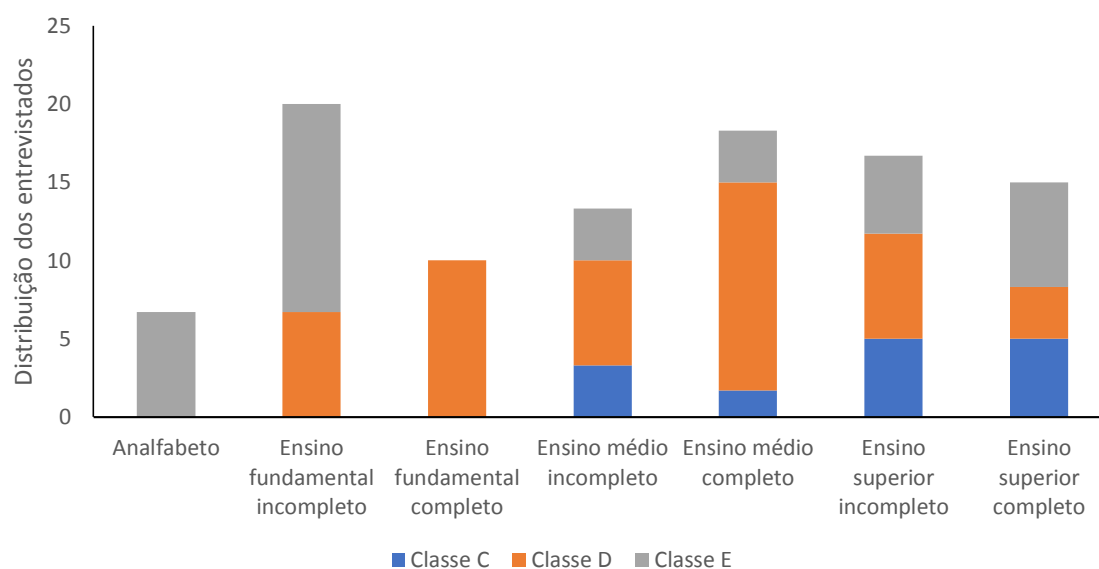


Figura 2. Frequência dos entrevistados de acordo com a classe social e o nível de instrução (n = 60).

O nível de conhecimento sobre o comportamento canino dos entrevistados que apresentam pelo menos 1 nível de instrução foi superior à 85% (Tabela 3). Entretanto, a ausência de instrução não é um fator responsável pelo reconhecimento da maioria dos comportamentos caninos pelos proprietários de cães ($H = 5,54$; $p = 0,40$).

Tabela 3. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com o grau de instrução. Os valores são dados em porcentagem.

Comportamentos	ANA (DP=1.4)	EFI (DP=1.8)	EFC (DP=0.6)	EMI (DP=0.8)	EMC (DP=1.0)	ESI (DP=1.9)	ESC (DP=0.8)
Rosnar	100	100	100	100	100	100	100
Carinho	75.0	83.3	100	87.5	81.8	90.0	100
Solicitação para brincar	75.0	83.3	100	75.0	100	90.0	88.9
Alerta	25.0	100	100	87.5	100	90.0	88.9
Latir	100	100	100	100	90.9	100	100
Balançar o rabo	100	100	100	100	100	90.0	88.9
Rolar no chão	0.0	50.0	66.7	87.5	72.7	40.0	77.8
Tristeza	50.0	83.3	83.3	100	90.9	100	88.9
Medo	75.0	100	100	87.5	81.8	60.0	77.8
Cansaço	100	83.3	100	87.5	90.91	90.0	88.9
Reconhecimento	100	91.7	100	75.0	100	90.0	100
Total	72.7	88.6	95.5	89.8	91.7	85.5	90.9

ANA = Analfabetos (n=4); EFI = Ensino Fundamental Incompleto (n=12); EFC = Ensino Fundamental Completo (n=6); EMI = Ensino Médio Incompleto (n=8); EMC = Ensino Médio Completo (n=11); ESI = Ensino Superior Incompleto (n=10); E.S.C = Ensino Superior Completo (n=9).

Apesar da Classe D apresentar maior nível de compreensão que as demais classes sociais (Tabela 3), o nível social não influenciou na percepção do conhecimento sobre o comportamentos dos seus cães ($H=1,89$; $p=0,37$). Entretanto, o nível de conhecimento etológico parece aumentar quanto maior o tempo de convívio e interação com o seu dono (Tabela 5, $H=19,29$; $p=0.027$).

A distribuição de frequência dos entrevistados (n=60) com convívio de até 5 anos com o seu cão foi de 58% e de 30% acima de 7 anos. A maior frequência dos entrevistados (44%) tinham de 4 a 6 anos de experiência com a criação de cães (Figura 3).

Tabela 4. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com a classe social. Os valores são dados em porcentagem.

Comportamentos	Classe C (DP=1.4)	Classe D (DP=2.2)	Classe E (DP=3.4)
Rosnar	100	100	100
Carinho	100	89.3	82.6
Solicitação para brincar	77.8	92.9	87.0
Alerta	100	92.9	83
Latir	100.0	96.4	100.0
Balançar o rabo	88.9	100.0	95.7
Rolar no chão	55.6	71.4	47.8
Tristeza	100.0	92.9	78.3
Submissão	66.7	92.9	78.3
Cansaço	88.9	89.3	91.3
Reconhecimento	88.9	96.4	91.3
Total	87.9	92.2	85.0

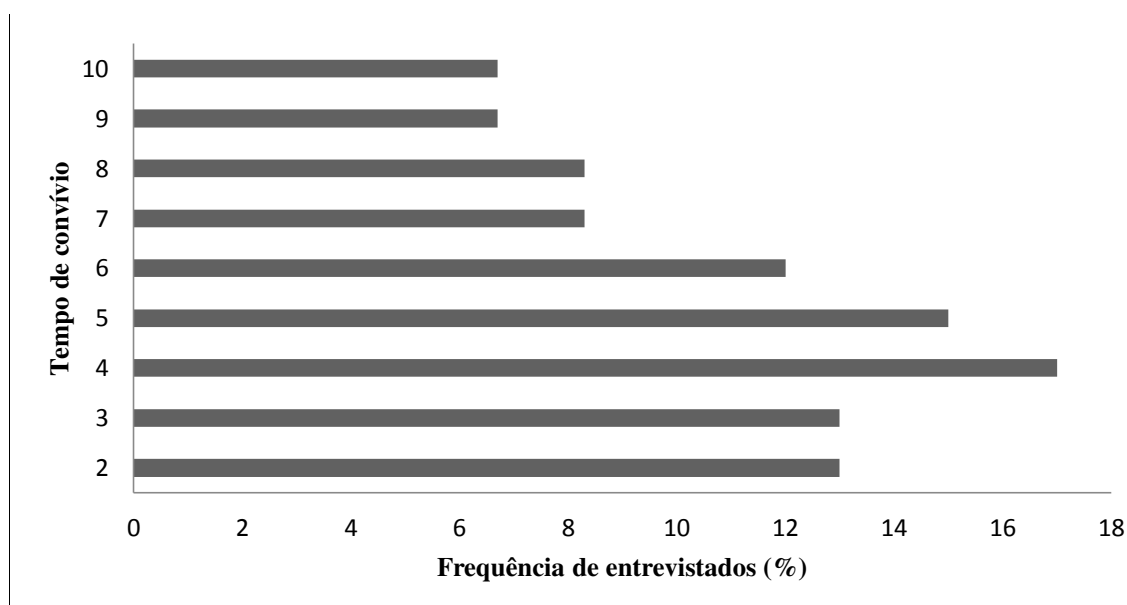


Figura 3. Frequência dos entrevistados com relação ao tempo de convívio com seu animal (n=60).

Tabela 5. Nível de conhecimento dos entrevistados em cada categoria comportamental de acordo com tempo de convívio do dono com seu animal. Os valores são dados em porcentagem e o tempo em anos.

Comportamentos	Dois (DP= 1.8)	Três (DP=1.2)	Quatro (DP=1.4)	Cinco (DP=1.3)	Seis (DP=0.8)	Sete (DP=0.7)	Oito (DP=0.4)	Nove (DP=0.4)	Dez (DP=0.3)
Rosnar	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Carinho	87.5	75	90	77.8	100	100	80	100	100
Solicitação para brincar	87.5	75	90	100	71.4	80	100	100	100
Alerta	87.5	87.5	90	88.9	100	80	100	75	100
Latir	100	87.5	100	100	100	100	100	100	100
Balançar o rabo	100	100	100	88.9	100	80	100	100	100
Rolar no chão	37.5	50	50	55.6	71.4	60	100	75	75
Tristeza	75	87.5	80	88.9	100	100	80	100	100
Submissão	37.5	62.5	90	100	100	80	100	100	100
Cansaço	75	75	90	100	100	80	100	100	100
Reconhecimento	87.5	87.5	80	100	100	100	100	100	100
TOTAL	79.5	80.7	87.3	90.9	94.8	87.3	96.4	95.5	97.7

De modo geral, o nível de conhecimento etológico sobre o comportamento canino é elevado em 91% das categorias comportamentais analisadas. Os comportamentos agressivos, tais como rosnar e latir, foram os mais perceptíveis pelos proprietários de cachorros e o de rolar no chão, relacionado ao comportamento de alegria nos cães, foi o menos reconhecido (Figura 4).

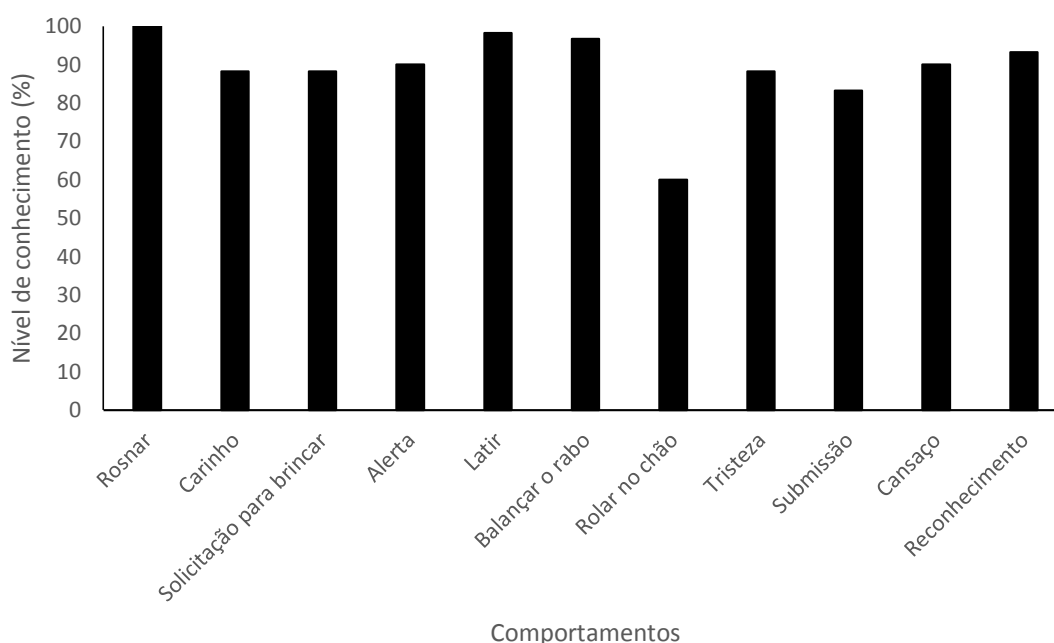


Figura 4. Nível de conhecimentos dos entrevistados sobre o comportamento canino.

4 DISCUSSÃO

Mediante os resultados obtidos neste estudo, foi possível observar que na maioria das vezes o reconhecimento dos comportamentos apresentado nas imagens, estava relacionado principalmente com o grau de apego entre os donos e seus cães, isto é, quanto maior a convivência, maior o apego, maior a afeição e conseqüentemente maior a capacidade das pessoas assimilarem as emoções que seus animais estão transmitindo através dos seus comportamentos. Neste caso, segundo Garrity et al. (1989), a posse do animal quando associada ao apego está inversamente correlacionada à afeição. E para

Canani & Faraco (2010), o apego permite que as pessoas mantenham uma proximidade com outro indivíduo, que conseqüentemente passa a ser diferenciado e preferido. Entretanto, as relações afetivas entre humanos e animais de estimação, estão diretamente relacionadas a questões culturais, demográficas, gênero e idade dos indivíduos (MARTINS et al., 2013).

Neste estudo os entrevistados possuíam cães com três finalidades distintas: Cão de Caça, Cão de Guarda e Cão de Companhia. De acordo com a finalidade do cão, os entrevistados que tinham posse de Cães de Companhia foram os que mais conseguiram acertar os tipos de comportamentos expressados pelos animais presentes nas imagens que lhes foram apresentadas no momento da coleta de dados. Isto, provavelmente deve-se ao fato destas pessoas passarem mais tempo na companhia destes animais de estimação e assim manterem um contato mais frequente, uma vez que estes podem circular livremente pela casa. Em uma pesquisa semelhante sobre a relação entre famílias e animais de estimação, Carvalho & Pessanha (2013), observaram que a livre circulação dos animais na residência dos donos demonstra um aumento dos laços afetivos e vínculo com o animal que está cada vez mais presente no convívio familiar. Desta forma, evidencia-se que o convívio mais frequente e com o passar dos anos com os animais pode contribuir para que as pessoas possam identificar melhor o tipo de comportamento que seu animal de estimação está apresentando em determinadas situações.

Além da finalidade dos cães, foram avaliadas ainda as respostas dos entrevistados levando em consideração seu grau de instrução, classe social e tempo de convívio com os animais. De acordo com os resultados obtidos, foi possível constatar que o grau de instrução não está relacionada ao reconhecimento dos comportamentos caninos, visto que ausência de instrução dos entrevistados não prejudicou na identificação das emoções apresentadas pelos cães e os entrevistados com ensino fundamental completo foram os que

mais reconheceram os comportamentos analisados, com relação aos outros graus de instrução superiores.

. Da mesma forma, a classe social também não está relacionada com a capacidade de reconhecimento dos comportamentos, apesar da pontuação da classe D ter sido maior em relação às demais classes, essa diferença não foi significativa. Já quanto ao tempo de convívio, foi possível identificar que há uma grande relação entre este e o reconhecimento dos comportamentos caninos com o passar dos anos entre homem e cão, principalmente as pessoas que conviviam com os animais no intervalo entre oito e dez anos.

Os comportamentos que os entrevistados mais conseguiram identificar foram relacionados à Agressividade (Rosnar e Latir). Neste caso, este resultado pode estar relacionado à finalidade dos animais como cães de caça e cães de guarda, que por estarem associados a atividades de caçar e proteger, geralmente tem uma tendência para serem mais agressivos, estando sempre na posição defensiva diante da aproximação de pessoas que são estranhas ao seu território. Da mesma forma, o comportamento Rolar no Chão, à qual demonstra alegria, foi o menos reconhecido, possivelmente pelo fato da maioria dos entrevistados criarem cães voltados apenas para as finalidades de caça e guarda e, portanto não apresentarem uma convivência tão afetiva com estes animais.

De modo geral, em ambos os casos os resultados aqui obtidos, podem estar relacionados e influenciados pela função à qual é destinada ao animal. Em Chapadinha, nas residências em que os cães são criados principalmente para as finalidades de caça e guarda, estes animais nem sempre podem circular livremente pelas residências e na maioria das vezes vivem em espaços localizados nos fundos dos quintais sem um contato direto com o dono, provavelmente por que estas pessoas não considerem importante manter uma relação afetiva mais intensa com cães destas finalidades. Desta forma, diante da ausência de um contato mais afetivo com seus cães, nem sempre as pessoas conseguem entender os tipos

de comportamentos por eles apresentados e nem mesmo o que eles significam e o que querem transmitir.

Mas, estes resultados também podem estar relacionados à classe sexual dos entrevistados, onde a maioria dos acertos foi oriunda de pessoas do sexo feminino, provavelmente porque as mulheres são mais apegadas aos animais de estimação. Em trabalhos semelhantes, Martins et al. (2013), Miranda (2010), Reid e Anderson (2009) e Cohen (2002) relataram que as mulheres apresentam maior grau de apego aos animais de estimação, o que segundo Adamelli et al. (2005), pode estar relacionado ao fato de mulheres serem mais preocupadas com o bem-estar dos animais, demonstrando mais cuidado e atenção movidas pelo instinto maternal. Além disso, Cohen (2002) também verificou que as mulheres apresentam grau de familiaridade com cães e gatos mais elevados do que os homens.

Outro fator que também pode ter influenciado nos resultados, é o tempo livre dos donos dos animais, pois mais tempo livre pode estar associado à um maior tempo de convívio, mais apego ao animal, conforme relata Marinelli et al. (2007), e consequentemente mais facilidade em identificar suas emoções. Embora na sociedade atual, as mulheres chefes de famílias geralmente apresentem uma formação acadêmica, nas famílias com indivíduos mais idosos, o homem ainda é visto como chefe e as mulheres na maioria das vezes são encarregadas dos serviços domésticos, permanecendo assim mais tempo nas residências e convivendo, portanto mais tempo com os animais (MARTINS et al., 2013).

Além destes fatores, diversos outros podem influenciar na visão empírica sobre os comportamentos dos animais de estimação, como por exemplo, o fato de nas sociedades urbanas ocidentais serem evidentes em diferentes esferas da vida social, os limites

estabelecidos entre aquilo que é tipicamente humano e aquilo que se consideram como típicos de animais (SANTOS & RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2012).

5 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos neste estudo conclui-se que a finalidade de criação de cães, a classe social e o grau de instrução dos proprietários de cães não é um fator que influencia no reconhecimento e compreensão correta do comportamento canino. Já o tempo de convívio foi a variável que teve maior associação com o nível de reconhecimento do comportamento canino, provavelmente pelo fato de que quanto maior essa convivência, maior é o apego e conseqüentemente maior o grau de assimilação das emoções transmitida pelo animal de estimação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMELLI, S.; MARINELLI, L.; NORMANDO, S.; BONO, G. Owner and cat features influence the quality of life of the cat. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 94, n. 1, p. 89-98, 2005.

ALVES, Z.M.M.B; SILVA, M.H.G.F.D. Análise qualitativa de dados de entrevista: Uma proposta. **Paidéia, FFCLRP – USP**, Ribeirão Preto, 1992.

ARTELLE, K. A; DUMOULIN, L.K.; REIMCHEN, T. E. Behavioural responses of dogs to asymmetrical tail wagging of a robotic dog replica. **Laterality**, v. 16, p. 129-135, 2011.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE PESQUISA DE MERCADO / ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS INSTITUTOS DE PESQUISA DE MERCADO. **Critério de Classificação Socioeconômica Brasil (CCSEB)**. São Paulo, 1997.

BOITANI, L., CIUCCI, P. Comparative Social Ecology of Feral Dogs and Wolves. **Ethology Ecology & Evolution**, v. 7, p. 49–72, 1995.

CANANI, A. S.; FARACO, C. B. **Apego entre casais sem filhos e seus animais de companhia**. 2010. Disponível em: <<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/98/aline.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

CARVALHO, A. L. L. & WAIZBORT, R. O cão aos olhos (da mente) de Darwin: a mente animal na Inglaterra vitoriana e no discurso darwiniano. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 36-56, 2008.

CARVALHO, R. L. S.; PESSANHA, L. D. R. Relação entre famílias e animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, p. 622-637, 2013.

CASE, L. Perspectives on Domestication: The History of Our Relationship with Man's Best Friend. **Journal of Animal Science**, v. 86, p. 45–51, 2008.

COHEN, S. P. Can pets function as family members? **Western Journal of Nursing Research**, v. 24, n. 6, p. 621-638, 2002.

¹DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 1882.

FARACO, C. B. AND SEMINOTTI, N. A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. **Revista CFMV**, v. 10, p. 57-62, 2008.

FEDDERSON-PETERSEN, D. U. Wolves and dogs. In: **Communication in Encyclopedia of animal behaviour**, vol. I: Greenwood Publishing Group. 385-394, 2005.

GANÇO, L. S. J. **Identificação genética de amostras de origem animal - *Canis familiaris* e *Felis catus* - em contexto forense**. 107 fls. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, 2009.

GARRITY, T. F.; STALLONES, L.; MARX, M. B.; JOHNSON, T. P. Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. **Anthrozoös**, v. 3, n. 1, p. 35-44, 1989.

GUO, K; MEINTS, K; HALL, C; HALL, S.; MILLS, D. Left gaze bias in humans, rhesus monkeys and domestic dogs. **Animal Cognition**, v. 12, p. 409-418, 2009.

MAEJIMA M., INOUE-MURAYAMA M., TONOSAKI K., MATSUURA N., KATO S., SAITO Y., WEISS A., MURAYAMA Y., ITO S. Traits and genotypes may predict the successful training of drug detection dogs. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 107, n. 3-4, p. 287-298, 2007.

MARINELLI, L.; ADAMELLI, S.; NORMANDO, S.; BONO, G. Quality of life of the pet dog: influence of owner and dog's characteristics. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 108, n. 1-2, p. 143-156, 2007.

MARTINS, M. F.; PIERUZZI, P. A. P.; SANTOS, J. P. F.; BRUNETTO, M. A.; FRUCHI, V. M.; CIARI, M. B.; LUPPI, M. J. R.; ZOPPA, L. M. Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. **Brazilian**

Journal of Veterinary Research and Animal Science., São Paulo, v. 50, n. 5, p. 364-369, 2013.

MASSON, J. M. & MCCARTHY, S. **Quando os elefantes choram: a vida emocional dos animais.** São Paulo: Geração editorial, 1997.

MIRANDA, M. I. L. A. R. **A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas.** 33 fls. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2010.

NAGASAWA, M; MURAI, K; MOGI, K & KIKUSUI, T. Dogs can discriminate human smiling faces from blank expressions. **Animal Cognition**, v. 14, p. 525-533, 2011.

REID, J. S.; ANDERSON, C. E. Identification of demographic groups with attachment to their pets. **ASBBS Annual Conference: Las Vegas**, v. 16, n. 1, p. 1-6, 2009.

ROSSI, A. **Do lobo ao cão doméstico. Cão Cidadão.** 2010. Disponível em: <http://caocidadao.com.br/dicas/lobo-ao-cachorro-domestico/>. Acesso em: 21 de agosto de 2017.

ROYAL CANIN. **Enciclopédia do cão.** Ed. Aniwa. 443p, 2001.

SANTOS, D. S.; RAMÍREZ-GÁLVEZ. Entre humanos e animais – relações familiares na sociedade contemporânea. In: **28ª Reunião Brasileira de Antropologia.** São Paulo, 2012.

SAVOLAINEN, P., ZHANG, Y., LUO, J., LUNDEBERG, J., LEITNER, T. Genetic Evidence for an East Asian Origin of Domestic Dogs. **Science**, v. 22, n. 298, p. 1610 – 1613, 2002.

SERPELL, J. **The domestic dog: its evolution, behavior and interactions whit people.** Cambridge University Press, 2003.

SNOWDON, C.T. O significado da pesquisa em Comportamento Animal. Pesquisa em comportamento animal. Estudos de Psicologia v. 4, n. 2, p. 365-373,1999.

²TAMI, G.; GALLAGHER, A. Description of the behaviour of domestic dog (*canis familiaris*) By Experienced and Inexperienced People. **Applied Animal Behaviour Science**, p. 159-169, 2009.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 1500-1800. 2001.

VLAHOS, J.; TEIXEIRA, M. Animais de estimação movidos a drogas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, n. 3, p. 449-469, 2008.

VON ARCKEN CANCINO, B. C. Interacción entre humanos y animales. **Revista Universidad de La Salle**, v. 54, p. 149-159, 2011.

YEON, S.C. The vocal communication of canines. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 2: p. 141-144, 2007.

7 ANEXOS

Anexo I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada **“PERPECTIVA EMPÍRICA SOBRE O COMPORTAMENTO CANINO”**, sob a responsabilidade da pesquisadora aluna do curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais (CCAA) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Jucilene Soares Cardozo. Nesta pesquisa nós estamos buscando verificar quais variáveis relacionadas ao conhecimento empírico estão associadas à comprovação científica sobre o comportamento canino.

Na sua participação você irá identificar através de imagens apresentada na forma de slides do programa Microsoft PowerPoint sobre os comportamentos e emoções apresentadas pelos seus cães de estimação. Para fins de análise e transcrição dos dados esta entrevista será gravada, porém, estas gravações não irão lhe comprometer e ao término da pesquisa serão eliminadas.

Esclareço ainda que em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você não será submetido a nenhum risco, visto que, você estará apenas contribuindo para obtenção de dados relevantes e muito importantes sobre o assunto do projeto. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato via ligação ou WhatsApp com: Jucilene Soares Cardozo por meio do telefone (98) 99147-2090, ou dirigir-se ao Laboratório de Zoologia e Comportamento Animal do Campus da UFMA localizado na BR 222, S/N, Boa Vista, Chapadinha – MA.

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

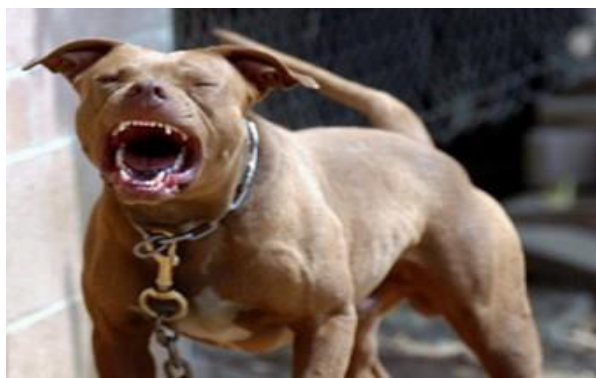
Participante da pesquisa

Anexo II: lista das ações comportamentais dos cães

COMPORAMENTOS	DESCRIÇÃO
AGRESSIVIDADE ¹	Latidos, orelha elevada ou jogada para trás, cabeça elevada, mostrar os dentes.
ALERTA ¹	Orelha em pé com a cabeça e cauda ereta e olhar fixo.
ALEGRIA ¹	Solicitação para brincar, o cão se agacha com as patas dianteiras abaixadas e patas dobradas, parte posterior pra cima e boca aberta.
AMOR ou CARINHO ¹	Lamber o rosto.
ALEGRIA ¹	Balançar o rabo.
TRISTEZA ¹	Deitado com as orelhas caídas e olhar esmorecido.
MEDO OU SUBMISSÃO ¹	Corpo levemente baixo e rabo entre as pernas, orelhas baixas.
AGRESSIVIDADE ¹	Rosnar, lábios retraídos e dentes a vista.
ALEGRIA ²	Rolar no chão.
CANSAÇO ¹	Ofegar.
RECONHECIMENTO ¹	Cheirar objetos, pessoas e outros animais.

Anexo III – Imagens das representações dos comportamentos caninos.

Imagem 01 e 02 – Agressividade (Latir).



01- <https://kpattorney.com/7-steps-follow-getting-dog-bite/>

02- <https://petanjo.com/blog/meu-cachorro-late-muito/>

Imagem 03 e 04 – Agressividade (Rosnar).



03- https://www.babycenter.com/0_animal-bites_411.bc

04- <https://www.expertoanimal.com/el-perro-posesivo-proteccion-de-recursos-21496.html>

Imagem 05 e 06 - Alerta.



05- <https://br.pinterest.com/pin/568438784201635408/>

06- http://brasil.usacomment.com/2017/06/curiosidades-no-mundo-brasil_21.html?m=1

Imagem 07 e 08 – Alegria (Solicitação para brincar).



07- <http://ethosanimal.com.br/tag/animal/>

08- <http://adestramentocominteligencia.blogspot.com.br/2010/12/>

Imagem 09 e 10 – Alegria (Balançar o rabo).



09- <https://www.istockphoto.com/br/foto/terrier-branco-west-highland-panting-olhando-feliz-gm450702775-24905045>

10- <http://www.mediaorchard.com/2013/02/25/dont-let-the-tail-wag-the-dog-inbound-marketing-should-start-with-story/>

Imagem 11 e 12 – Alegria (Rolar no chão).



11- <http://webcachorros.com.br/entenda-linguagem-corporal-e-facial-dos-caes/>

12- <http://petboxbrasil.com.br/por-que-meu-cachorro-se-esfrega-na-terra/>

Imagem 13 e 14 - Amor ou Carinho.



13- <http://www.draanaescobar.com.br/dicas-da-dra-ana/duvidas/cachorro-lambe-meu-filho/>

14- <http://caes.topartigos.com/por-que-os-caes-lambem-pessoas.html>

Imagem 15 e 16 – Tristeza.



15- <https://saude.abril.com.br/bem-estar/como-evitar-mordidas-do-seu-proprio-cao/>

16- <http://www.cachorrogato.com.br/cachorros/cachorro-nao-quer-comer/>

Imagem 17 e 18 - Medo ou Submissão.



17- <http://webcachorros.com.br/entenda-linguagem-corporal-e-facial-dos-caes/>
18- <http://otudaodemarica.blogspot.com.br/2016/08/17-comportamentos-caninos-dos-quais.html>

Imagem 19 e 20 – Cansaço.



19- <http://www.realh.com.br/drhomeopet/pastor-alemao-guia-da-raca/>
20- <https://meusanimais.com.br/bones-o-cachorro-que-busca-desaparecidos-na-colombia/>

Imagem 21 e 22 – Reconhecimento.



21- <https://www.clubeparacachorros.com.br/curiosidades/11-coisas-que-os-caes-sao-capazes-de-sentir-o-cheiro/>

22- <https://www.tudointeressante.com.br/2015/08/11-coisas-que-os-caes-nao-suportam-que-os-humanos-facam.html>